



A INSERÇÃO DA ARTE DRAG NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

LA INSERCIÓN DEL ARTE DRAG EN LOS CUENTOS PARA NIÑOS

THE INSERTION OF DRAG ART IN CHILDREN'S STORYTELLING

*Sidmar Silveira Gomes*¹

*Matheus Henrique Messias Batista*²

RESUMO

Almejou-se analisar como a contação de histórias por meio de uma personagem *Drag Queen* pode fomentar questionamentos acerca de uma sociedade calcada em normas binárias de gênero e a introdução de crianças nas discussões éticas daí decorrentes. Partiu-se de um levantamento bibliográfico relativo à contação de histórias e à identidade de gênero na educação infantil, tendo por base artigos científicos de revistas do campo da educação, somados à busca por narrativas literárias destinadas a crianças e que apresentam personagens fora de padrões de gênero estanques. Complementando o estudo teórico anterior, foram propostas sessões de contação de histórias por uma personagem *Drag Queen*, veiculadas em vídeos armazenados em página do Instagram. Por fim, foram propostas ações lúdicas para serem realizadas por crianças a partir de suas interações com as histórias trabalhadas. O conjunto dessas ações revelou que, mesmo já aparentando estarem influenciadas pelos sentidos estéticos cis heteronormativos, as crianças criaram tensões em relação ao que se impõe como normatizado.

PALAVRAS-CHAVE: *Drag Queen*. Contação de histórias. Gênero. Educação Infantil.

RESUMEN

El objetivo era analizar cómo la narración a través de un personaje de *Drag Queen* puede plantear interrogantes sobre una sociedad basada en normas binarias de género y la introducción de niños en las discusiones éticas resultantes. Se inició con un relevamiento bibliográfico sobre la narrativa e identidad de género en la educación infantil, a partir de artículos científicos de revistas del ámbito educativo, sumado a la búsqueda de narrativas literarias dirigidas a los niños y protagonizadas por personajes

¹ Professor Adjunto do Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá.

² Graduando do Curso de Artes Cênicas – Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá.

fuera de los estándares del género estanco. Complementando el estudio teórico anterior, las sesiones de storytelling fueron propuestas por un personaje de Drag Queen, que se muestran en videos almacenados en una página de Instagram. Finalmente, se propusieron acciones lúdicas para ser realizadas por los niños a partir de sus interacciones con los cuentos trabajados. El conjunto de estas acciones reveló que, si bien ya parecían estar influidos por los sentidos estéticos cis heteronormativos, los niños generaban tensiones en relación a lo que se impone como normalizado.

PALABRAS-CLAVE: Drag Queen. Narración. Género. Educación Infantil.

ABSTRACT

The aim was to analyze how storytelling through a Drag Queen character can raise questions about a society based on binary gender norms and the introduction of children in the resulting ethical discussions. It started with a bibliographical survey on storytelling and gender identity in early childhood education, based on scientific articles from magazines in the field of education, added to the search for literary narratives aimed at children and featuring characters that are out of standards of watertight genre. Complementing the previous theoretical study, storytelling sessions were proposed by a Drag Queen character, shown in videos stored on an Instagram page. Finally, playful actions were proposed to be carried out by children based on their interactions with the stories worked. The set of these actions revealed that, even though they already appeared to be influenced by the heteronormative cis aesthetic senses, the children created tensions in relation to what is imposed as normalized.

KEYWORDS: Drag Queen. Storytelling. Genre. Child Education.



Era uma vez entre livros e paetês

Em sua crônica “Uma escola para Alan”, o filósofo e escritor espanhol transgênero Paul B. Preciado (2020), relata o suicídio do jovem espanhol Alan, um dos primeiros menores trans a conseguir o direito de mudar seu nome legal na Espanha. Após 3 anos sofrendo *bullying*, assédio e desrespeito por parte das pessoas das comunidades escolares pelas quais passou, Alan tornou-se parte das estatísticas de suicídio no que tange à comunidade LGBTQIA+, sigla que representa o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e demais siglas e identidades que integram o movimento, como pansexuais e não binaries. Infelizmente, dentro de instituições escolares esses ataques tornam-se comuns. O local que deveria significar segurança, apregoando liberdade, autonomia e respeito, por muitos/muitas visto como o ideal de democracia ocidental, expulsa e elimina jovens LGBTQIA+. Como podemos então pensar formas de tornar a experiência educativa inclusiva e acolhedora para esses/as jovens?

Ainda sobre isso, mas em outro texto, Preciado afirma que “[...] os defensores da infância e da família invocam a figura de uma criança que eles constroem de antemão como heterossexual e de gênero normatizado” (PRECIADO, 2020, p. 69). Assim, ao criar a ideia da criança incapaz de se opor a essa estrutura social hegemônica, a criança é tomada como forma de controle não apenas das instâncias infantis, mas também dos adultos, uma vez que a criança de hoje crescerá e se tornará a pessoa adulta de amanhã, além de que as ideias de infância também habitam o imaginário e as posturas do mundo adulto, preocupado com cuidar das gerações mais jovens: “[...] a criança é um artefato biopolítico que permite normalizar o adulto. A polícia de gênero vigia os berços para transformar todos os corpos em crianças heterossexuais” (PRECIADO, 2020, p. 71). Preciado então levanta algumas questões de extrema importância:

Quem defende os direitos da criança diferente? Quem defende os direitos do menino que gosta de se vestir de rosa? Da menina que sonha em casar-se com a melhor amiga? Quem defende os direitos da criança homossexual, da criança transexual ou transgênero? (PRECIADO, 2020, p. 70)

É sobre essas e outras perguntas que a presente investigação se debruça, procurando encontrar respostas que não se esgotam nas que aqui são apresentadas.

É inegável que esses temas estão presentes na vida das crianças da contemporaneidade. Os programas de televisão e outras mídias por muito tempo apresentaram personagens LGBTQIA+ como vilões ou como chacota, sempre como aquilo que deve ser rejeitado ou tomado como motivo de risadas e piadas. Apesar de muitos desses personagens terem sido ressignificados pela comunidade LGBTQIA+, ainda existe uma luta para que personagens LGBTQIA+ sejam representados por meio de vidas com as quais os espectadores, crianças ou adultos, possam se identificar. A autora e professora estadunidense bell hooks indica que:

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (HOOKS, 2013, p. 22)

Então, afirmando que existe urgência de mudança na forma geral como vemos as relações entre educação, infância e gênero, uma busca por formas diversas de diálogo sobre essa tríade, sem a repetição daquilo que é imposto por obras tradicionais de

literatura infantil e formas hegemônicas de se viver a vida, apresenta-se como um caminho possível. Nesse sentido, a filósofa e teórica feminista italiana Rosi Braidotti, apresenta que “[...] precisamos nos reinventar. Este projeto transformador começa com a renúncia aos hábitos de pensamento historicamente estabelecidos que, até agora, têm fornecido a visão ‘padrão’ da subjetividade humana” (BRAIDOTTI, 2002, p. 09-10).

Estabelece-se assim um projeto de construção de conhecimento que busca formas outras de realização de processos de ensino/aprendizagem, trazendo para o primeiro plano temas que foram por muito tempo negados e/ou evitados. Disso, ressalta-se que a opção pela não discussão de um tema revela-se como uma atitude de poder interessada em, por omissão, exercer o controle sobre os corpos – adultos e infantis.

Então, podemos pensar em como o silêncio, ou o silenciamento, em relação às temáticas da identidade de gênero – ao gênero com o qual uma pessoa se identifica – e da orientação sexual – por qual(is) gênero(s) uma pessoa sente-se atraída, física e/ou emocionalmente – na educação pode ser uma forma de controle sobre crianças e adultos, na qual um grito cis heteronormativo toma o local de fala removendo a possibilidade de uma discussão plural, e efetivando-se como agressão àqueles/as que se encontram de uma forma ou de outra fora do padrão binário, masculino/feminino, cis heteronormativo. Cabe um adendo sobre a definição de cisgeneridade, entendida como a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Assim, compreende a cis heteronormatividade os valores relativos às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem, sentindo-se atraídas, física e/ou emocionalmente, por pessoas na mesma condição, mas de gênero oposto.

Contar histórias, como forma de se dar a ver/ouvir uma voz, é uma das primeiras práticas pedagógicas conhecidas pelo ser humano. Essa foi, durante muito tempo, a forma principal de preservar a cultura das sociedades. Segundo a pesquisadora Daiane Aparecida Lourenção: “[...] o ato de contar histórias sempre foi um meio de transmitir valores, atualmente com a diversidade de temas abordados nas histórias esse ato tornou-se uma ferramenta pedagógica essencial na sala de aula” (LOURENÇÃO, 2016, p. 1-2).

Na contemporaneidade a ação de ouvir e de contar histórias tem novamente ganhado o posto de grande aliada dos processos educativos, por tratar-se de uma atividade lúdica e interativa, pela qual são potencializadas várias áreas do conhecimento.

A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 237)

Durante a infância as crianças se deparam com diferentes narrativas do ser humano. A contação de histórias pode ser um caminho propício para que as crianças sejam apresentadas a problemas e, pela intermediação do/a contador/a, questionem certas situações. Dessa forma, as práticas de contação de histórias podem estimular a imaginação e a criatividade, além de auxiliar no processo de leitura e de escrita, não somente literária, mas, de forma ampla, do mundo.

A contação de histórias pode ser tomada como um ato teatral, porém pouco se fala sobre o tema. Muitos/as contadores/as, educadores/as e pesquisadores/as acreditam no seu potencial para o processo de ensino-aprendizagem, entretanto, a questão sobre seu uso como parte do desenvolvimento da teatralidade é pouco discutida. Aqui, dialoga-se com a noção de teatralidade a partir dos estudos de Patrice Pavis (2003), tomando-a como o conjunto dos espaços, das visualidades e das expressividades pelas quais se dão as enunciações de uma personagem.

Nesta pesquisa investiu-se, como se verá, na possibilidade da aproximação entre a contação de histórias e as práticas teatrais, assim como entre a constituição de uma personagem *Drag Queen* e elementos de teatralidade, tendo-se em vista a proposição de experiências que se oponham às práticas hegemônicas no que tange à tríade educação, infância e gênero.

Desde que existiu o primeiro grupo de pessoas reunidas, existiu, na mesma medida, a necessidade de se compartilhar experiências. Nesse contexto é que surgiu a contação de histórias, tão antiga quanto a própria linguagem.

A história da Humanidade expõe diferentes episódios nos quais se vestir do gênero oposto foi necessário e/ou desejado. Por exemplo, efetivando-se como ato político e artístico, desde o teatro grego até a atualidade, homens interpretam mulheres e o contrário também acontece, apesar de, por muito tempo, as mulheres terem seus espaços negados no teatro. Segundo o pesquisador Igor Amanajás: “[...] a drag queen sofreu metamorfoses reais tanto em sua estética como em sua função, mas nunca perdeu seu principal objetivo – a grande arte do estranhamento” (AMANAJÁS, 2014, p. 1).

Dessa forma, questionar o gênero e como esse é imposto pela sociedade faz parte do escopo de atribuições da *Drag Queen*.

A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus define a *Drag Queen* como: “[...] artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual” (JESUS, 2012, p. 10).

Isso posto, investiu-se nesta pesquisa na figura da *Drag Queen* como maneira lúdica e artística de iniciar a criança nas discussões sobre a não binariedade de gênero e a necessidade de se romper com papéis socialmente impostos; portanto, no limite, almejou-se a iniciação da criança no âmbito de discussões relativas ao respeito e aos direitos humanos. Acreditamos que crianças que entendem e respeitam as diferenças de identidade de gênero e orientação sexual são menos propensas a praticarem e sofrerem *bullying* e agressões de origem homo transfóbicas, como as sofridas pelo Alan apresentado por Preciado.

Nesse sentido, nesta reflexão, dada no âmbito do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Universidade Estadual de Maringá, são relatadas as experiências empreendidas a partir da proposição, via plataformas digitais, de práticas lúdicas com crianças, por meio da exploração de elementos da linguagem teatral, nas quais uma personagem *Drag Queen*, reconhecida em suas potencialidades artísticas, conta histórias infantis que questionam papéis de gênero estanques. Como dito, objetivou-se com esta proposta a realização de uma prática educativa pela perspectiva do rompimento com normas binárias de gênero e, conseqüentemente, a emergência de discussões relacionadas ao respeito e aos direitos humanos.

Um arquivo como levantamento temático

O arquivo temático com o qual aqui se trabalha foi constituído a partir de pesquisa empreendida em 58 periódicos do campo da educação, apresentados abaixo, em arco temporal que se estende da década de 1990 ao ano de 2020. Trata-se de revistas com classificação Qualis Periódicos A1, A2, B1 e B2 – Quadriênio 2013-2016, portanto, compêndio privilegiado no que tange à circulação dos saberes da área da educação. Por meio de busca simples, realizada em campo específico para isso na página inicial de tais periódicos, as edições foram atravessadas pelos seguintes conceitos: educação infantil, gênero, contação de histórias. O resultado dessa pesquisa

culminou no arquivo temático aqui mobilizado. Esse trabalho soma-se aos procedimentos metodológicos desenvolvidos no âmbito da pesquisa institucional “As Potencialidades da Noção de Arquivo para Investigações no Campo da Pedagogia do Teatro”, da qual participaram os dois autores deste trabalho.

Esse levantamento temático, espécie de estado da arte, gerou dois grupos de artigos, já que nenhum dos textos garimpados trouxe de forma reunida as temáticas de interesse desta pesquisa: 1) artigos que versam sobre as questões de gênero; e 2) artigos que tratam da contação de histórias; ambos os grupos no contexto da educação infantil. Os periódicos pesquisados foram os seguintes: Cadernos CEDES, Cadernos de Pesquisa FCC, Currículo sem Fronteiras, Educação & Sociedade, Educação e Pesquisa, Educação & Realidade, Educação em Revista, Educar em Revista, Práxis Educativa, Pro-Posições, Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação, Acta Scientiarum Education, Cadernos de História da Educação, Educação (PUC-RS), Educação (UFES), Educação em Questão, Educação Temática Digital, Educação Unisinos, Perspectiva, Práxis Educacional, Revista da FAEEBA, Revista de Educação Pública (UFMT), Revista Diálogo Educacional, Revista E-Curriculum (PUCSP), Revista Eletrônica de Educação (São Carlos), Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Roteiro, Teias, Cadernos de Pesquisa (UFMA), Eccos Revista Científica, Educação e Cultura Contemporânea, Educação: Teoria e Prática, Inter-Ação (UFG), Linguagens, Linhas Críticas (UNB), Retratos da Escola, Revista Comunicações, Ciência e Cultura, Série-Estudos (UCDB), Tempos e Espaços em Educação, Atos de Pesquisa em Educação (FURB), Cadernos de Educação (UFPEL), Educação em Foco (UEMG), Educação em Foco (UFJF), Educação em Perspectiva, Em Aberto, Quaestio (UNISO), Reflexão e Ação, Revista Cocar, Revista de Educação PUC-Campinas, Revista Espaço Pedagógico, Revista Horizontes, Imagens da Educação, Revista Educativa, Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional.

Sobre contação de histórias e educação infantil

A produção encontrada no arquivo pesquisado no que tange ao tema da contação de histórias é restrita e focada nessa prática como veículo de formação de leitores, ainda que não negligencie o seu potencial no processo de formação infantil, como indicam as pesquisadoras Janaína Rossoni e Vera Lúcia Felicetti ao afirmarem que:

Para adquirir novos conceitos, a criança necessita de oportunidades advindas de seu contexto linguístico, como o escutar ou o ler uma palavra desconhecida e compreendê-la através do contexto da frase ou do texto. Quando fizer uso dessa palavra novamente, a criança adquire seu conceito. (ROSSONI; FELICETTI, 2014, p. 532)

O processo de ensino e aprendizagem a partir da contação de histórias inclui a participação ativa da pessoa ouvinte, podendo então o/a ouvinte-aluno/a ser inserido/a em narrativas presentes na vida cotidiana, mas não necessariamente familiares ao ambiente escolar. Sobre esse potencial, Rossoni e Felicetti dizem que “[...] professores e estudantes ao interagirem com as narrativas alheias, bem como com as suas próprias e outras tantas advindas de meios impressos, ressignificam as experiências, muitas vezes comuns, porém não compartilhadas” (ROSSONI; FELICETTI, 2014, p. 528). Desta forma, ao se tomar a infância como um momento propício para que as crianças se deparem com as diferentes narrativas do ser humano, a contação de histórias, de acordo com o arquivo analisado, mostra-se uma opção que estimula a criatividade, a imaginação e a reflexão sobre diferentes realidades. Como indicam as pesquisadoras Norma Queiroz e Diva Maciel “[...] ler é inferir, antecipar, ordenar experiências emocionais, partilhar experiências das diversas leituras com o outro, refletir sobre problemas éticos, morais e sociopolíticos, entre outros” (QUEIROZ; MACIEL, 2014, p. 33).

Assim, pode-se ver que a possibilidade do uso da contação de histórias como prática educativa é sempre presente nas fontes analisadas, mas nenhum dos trabalhos valeu-se da contação de histórias como caminho para discussões de gênero na educação infantil. A isso soma-se o fato de que a ação teatral inerente à prática da contação de histórias ficou fora das discussões, por exemplo, a ludicidade e a interação entre público e a pessoa que conta a história, os elementos visuais empregados e as construções gestuais e vocais da pessoa contadora, são majoritariamente negligenciados por esses estudos.

Sobre gênero e educação infantil

Definir gênero é uma tarefa extremamente árdua. A pesquisadora Cláudia de Lima Costa (2006), por exemplo, indica a possibilidade de ver gênero como: uma variável

binária, papéis sexuais dicotomizados, tradução de sistemas culturais, uma variável psicológica e questão relacional.

A definição mais utilizada entre os artigos pesquisados é a visão da filósofa americana Judith Butler, a qual apresenta gênero como construção e regulação social. Assim, o gênero só seria definido de acordo com as regulações dentro de uma determinada sociedade e cultura. Sobre isso, Butler ainda indica que:

A distinção entre sexo e gênero atende à tese de que por mais que sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo como o sexo. (BUTLER, 2003, p. 24)

São partidários/as do pensamento de Butler no interior do presente arquivo: Guizzo e Zubaran (2017), Cardoso e Nascimento (2017), Alcantara, Dias e Givigi (2019), Carvalho e Guizzo (2016), dentre outros/as que não citam diretamente a autora, mas tratam gênero como constructo social.

Gênero tem se tornado um assunto cada vez mais explorado na produção acadêmica. No arquivo pesquisado, entre 38 artigos que tratam das questões de gênero, 27 foram produzidos entre os anos de 2010 e 2019, sete entre 2000 e 2009, e apenas um no ano de 1999. Tal aumento em relação à quantidade de artigos publicados com esse tema é dificilmente explicado por um só motivo, mas entre os fatores que podem ter influenciado esse aumento é interessante salientar que as discussões de gênero se tornaram pauta pública devido à luta por direitos, principalmente dos movimentos feministas e LGBTQIA+, assim como pela oposição de iniciativas civis conservadoras, por exemplo, o Movimento Escola Sem Partido, criado em 2004, o qual, segundo as pesquisadoras Luciane Santos e Tânia Santos, “[...] propõe ao governo federal a adoção de medidas, com força de lei, que se dizem contra ‘o abuso da liberdade de ensinar’ o que classificam como ‘doutrinação política e ideológica’ impostas às crianças e adolescentes” (SANTOS; SANTOS, 2016, p. 143).

É interessante notar que apesar de o Movimento Escola Sem Partido ter se tornado participativo nas discussões sobre gênero e educação – não apenas por suas propostas de leis que buscam criminalizar as questões de gênero na educação, mas também pela pressão de seus apoiadores contra leis interessadas em regulamentar e dar suporte para o ensino pautado em questões de identidade de gênero e de orientação sexual –, ao longo do arquivo pesquisado, tal movimento é citado apenas pelas pesquisadoras Luciane

Santos e Tânia Santos, as quais tecem reflexões sobre como essa, além de outras iniciativas conservadoras, podem ser prejudiciais para o ensino.

Contrária ao entendimento do gênero como construção social, a iniciativa afirma que a identificação da menina com o gênero masculino, ou do menino com o gênero feminino, é um caso de “transtorno de identidade de gênero”, um distúrbio mental que necessita de tratamento terapêutico – e não tratá-lo, caracteriza-se como abuso infantil. (SANTOS; SANTOS, 2016, p. 144)

As autoras complementam explicitando que tais movimentos conservadores não buscam apenas o controle sobre os assuntos tratados em sala de aula, mas também disseminam a ideia de que tudo que foge a um padrão cis heteronormativo é considerado doentio, e por isso, seus/suas integrantes tentam incluir tais visões conservadoras nos documentos e políticas públicas voltados à educação.

A questão dos documentos e das normas que regem a educação no Brasil tem sido pauta constante na produção acadêmica, mesmo em artigos que não focam diretamente em tal assunto. A pesquisadora Márcia Gobbi (1999) traz em seu artigo “Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas”, uma pequena imagem de como ações de políticas públicas implantadas por Luiza Erundina, Marta Suplicy e Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, repercutiram no binômio infância/gênero como projetos que buscavam discutir as formações familiares, a participação masculina na vida familiar e a percepção infantil sobre isso. Ademais, a análise de diferentes normas também assume a temática central em artigos voltados para o estudo das leis que regem os sistemas educativos e suas mudanças de acordo com o tempo, como indicado, por exemplo, pelos pesquisadores Diego Bahls e Aliandra Lira: “[...] como instituição social, a escola passa a ser um campo de constantes mudanças, entre elas, o processo de transformação do quadro docente: a feminização do magistério e a predominância da mulher nesse espaço social” (BAHLS; LIRA, 2019, p. 245). No trabalho em questão, não só se indica a tendência de mudança nos sistemas educacionais, mas também que essas mudanças são parte do processo de ensino e aprendizagem, além de se ressaltar a importância que o movimento feminista teve na luta pela educação pública. Já as pesquisadoras Claudia Vianna e Sandra Unbehaum apresentam um interessante levantamento sobre as leis e os documentos que orientavam a educação brasileira entre 1998 e 2002, também ressaltando a importância dos movimentos feministas e indicando que “[...] a inclusão de uma perspectiva de gênero

no ensino não pode restringir-se somente aos instrumentos didático-pedagógicos, como propõem os PCN para o Ensino Fundamental e os ‘PCN em Ação’ (VIANNA; UNBEHAUM, 2006, p. 424).

Grande parte da produção encontrada foca na crítica ao entendimento não só da educação como uma atividade inerentemente feminina, mas também em como essa imagem do ato de educar como natural às mulheres cria uma visão de que não é necessário o investimento em formação continuada para professoras, como se a veia educativa fosse uma atribuição nata da mulher. Bahls e Lira indicam o seguinte: “[...] reconhecemos que a docência com crianças pequenas envolve complexidade e conhecimentos, o que vão muito além do que comporta a tese da educadora nata, que sustenta a profissão como sendo de mulheres” (BAHLS; LIRA, 2019, p. 250). As autoras complementam que o processo educativo exige uma formação continuada complexa e efetiva, refutando a ideia da educação infantil apenas como uma tarefa feminina.

As pesquisadoras Patrícia Prado e Viviane Anselmo vão além quando dizem que:

As marcas de desigualdade/discriminação de gênero que permeiam a socialização dos homens e mulheres e suas profissões afetam não somente elas que, ao ocuparem esta profissão tida como feminina, são muitas vezes enquadradas em expectativas de atuação ligadas somente à maternagem, ao cuidado e ao afeto, com um amor que bastaria ao que necessitam as crianças, mas também eles que, muitas vezes, encontram limitações sobre o lugar que podem ocupar nestas relações de cuidado e afeto. (PRADO; ANSELMO, 2019, p. 15)

Dessa forma, ao explicitar como os papéis de gênero têm um peso muito grande na relação dos profissionais da educação infantil, e que socialmente a imagem feminina como cuidadora é a que predomina, por associação, denuncia-se o estranhamento causado pela presença do homem como profissional na educação infantil. Essa falta de diversidade entre os profissionais é também ligada a outra questão altamente discutida dentro do artigo, a saber, a vigilância que os/as professores/as exercem sobre as crianças quanto a comportamentos não heteronormativos. Schindhelm e Hora afirmam que:

Ainda hoje, no cenário escolar infantil brasileiro perdura a improvisação do senso comum, a incompreensão, o repetir de preconceitos e, quase sempre, o descaso no tocante aos estudos sobre a sexualidade e o gênero das crianças. Não seria esta uma forma de negar a importância da criança como um ser sexuado? (SCHINDHELM; HORA, 2015, p. 151)

Realçando que a escola é também um local de repetição do senso comum e de preconceitos trazidos do dia a dia, criados em ambientes familiares, religiosos e sociais, o pesquisador Sandro Santos argumenta que:

A masculinidade e a feminilidade são construtos socialmente elaborados, pois desde que nascemos, vivenciamos diversos processos de socialização em que diferentes códigos, agenciamentos e estruturas sociais (genericadas) nos são impostos. (SANTOS, 2018, p. 383)

Assim sendo, gênero seria uma categoria usada para o controle social, onde não apenas existiria uma opressão sobre a feminilidade, mas também uma hierarquização entre visões diferentes de masculino e feminino. Ou seja, espera-se que meninos ajam de determinada forma, diferentemente do esperado para meninas, de acordo com seus gêneros designados ao nascimento, além de que a sexualidade esteja limitada a uma única orientação: a heterossexualidade. A pesquisadora Tânia Cruz adiciona a discussão de como essas expressões, dadas como desviantes, tornam-se também focos de opressão ao dizer que:

Entendemos gêneros como constructos simbólicos de feminilidades e masculinidades em combinações variadas, vistos em relação ou separadamente, e relações de gênero como relações sociais entre homens e mulheres mediadas pelos significados de gênero, relações permeadas por poder em que há a hierarquia de homens e masculinidades, ainda que seja necessário bom frisar que além das feminilidades subalternas há também masculinidades subalternas. (CRUZ, 2016, p. 366)

Ao tratar da hierarquização de masculinidades e feminilidades, Cruz também trata das masculinidades e feminilidades possíveis, que são expressas e experimentadas durante a infância, principalmente dentro do âmbito da brincadeira, e que entram em diálogo com os estereótipos apresentados diariamente pela mídia e pela sociedade. Sobre o mesmo assunto, as pesquisadoras Lívia Cardoso e Daniela Nascimento indicam que:

A divisão está definida: por um lado, as meninas sonham em ser princesas e tentam de diversas maneiras imitá-las, preocupando-se com a beleza, usando roupas e acessórios que as remetem e também agindo como elas. Por outro lado, os meninos dizem ser super-heróis e estão sempre se exibindo e comentando entre eles sobre seus “poderes” e qual personagem cada um é. (CARDOSO; NASCIMENTO, 2017, p. 255)

Dessa forma, o brincar torna-se espaço de ensaio para papéis de gênero amplamente divulgados, mas também um local onde de forma imprevista as crianças apresentam paródias de gênero ao criar estereótipos sobre os estereótipos que lhes são apresentados.

Existe uma tendência, conforme observado a partir da discursividade aqui analisada, de se ir à sala de aula, observar as ações de professores/as e alunos/as e produzir conhecimento sobre isso. Entre os conhecimentos produzidos e divulgados pelos artigos analisados, como pode-se ver, elenca-se: a problemática da ênfase no entendimento das tarefas educativas como naturalmente femininas e as questões da hierarquização de gêneros daí decorrentes; além de a denúncia da escola e dos ambientes educativos como espaço para que, desde sempre, às crianças sejam impostos papéis de gênero calcados em valores cis heteronormativos, portanto, a escola como espaço de regulação de corpos e condutas. Entretanto, na mesma medida, constata-se uma falta de propostas que busquem efetivamente um diálogo com as infâncias desviantes.

Portanto, esse levantamento temático relativo às questões de gênero na educação infantil, somado ao levantamento temático relativo à contação de histórias, pelo recorte dos artigos trabalhados, não revela achados, mas sim lacunas. É por conta dessas lacunas identificadas que se justifica a presente proposta de união da contação de histórias com a construção da personagem *Drag Queen*, já que, além de área pouco ou nada explorada, inerente a essa junção, aposta-se no potencial do diálogo sobre identidade de gênero e orientação sexual com crianças, de forma lúdica e por meio da exploração crítica de papéis de gênero impostos socialmente, parodiados inexoravelmente pela *Drag Queen*.

Ainda sobre isso, ao longo da realização desta investigação, tomou-se contato com os trabalhos do professor Cristiano Rosa em parceria com a professora Jane Felipe (ROSA, 2019; ROSA; FELIPE, 2021), interessados/as nos temas do reconhecimento da performatividade de gênero por parte de crianças e na mediação de leitura literária por uma *Drag Queen*, trabalhos que, guardadas as suas especificidades, também inspiraram esta exploração.

Antes de prosseguirmos, vale frisar que as imagens da criança aqui delineadas partem da visão de pessoas adultas que pesquisam gênero, educação e infância. Essa ressalva torna-se importante no sentido de apontar não para a existência de uma infância

estranque, naturalizada e oriunda de uma origem desde sempre dada, mas sim para a existência de infâncias possíveis, plurais, plásticas e socialmente construídas, constituídas de acordo com a perspectiva específica de quem se põe diante da criança.

Contando a nossa história

A proposta inicial desta pesquisa previa o encontro presencial com as crianças em bibliotecas públicas, escolas etc. Entretanto, a necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia Covid-19 nos obrigou a adaptar o projeto. Dessa forma, levando em consideração todas as medidas de proteção necessárias, optamos por realizar as contações de histórias e demais interações em ambiente virtual. Assim, pautou a presente experiência a proposição de quatro vídeos de contação de histórias disponibilizados em uma página do Instagram, chamada “Rainhas da História” (@rainhas.da.historia),³ criada especialmente para este projeto.

Sobre as histórias escolhidas

Essas histórias, de autores internacionais, abordam temas relativos à quebra dos padrões binários de gênero, sendo narradas pelas performances da *Drag Queen* Endora, personagem que será apresentada adiante. Após a publicação dos vídeos de contação de histórias, foram propostas atividades de criação e expressão que pudessem ser feitas com materiais disponíveis em ambiente doméstico, como a elaboração de desenhos, fantoches ou poemas, procurando-se, pela autoexpressão e criatividade, fazer com que as crianças refletissem sobre o vivido na experiência da contação de histórias acompanhada. Fora isso, semanalmente, também foram publicados *posts* com sugestões de leitura, contendo obras de autores nacionais que dialogam, por meio das narrativas infantis, com as questões de identidade de gênero e de orientação sexual.

Portanto, a tríade postagem dos vídeos com as histórias contadas por Endora, atividades de criação e expressão feitas pelas crianças participantes e sugestão de leituras, configura-se como um conjunto de ações complementares que contemplam tanto a fruição como a criação artística, fomentando a percepção, a reflexão, a produção

³ Disponível em: https://www.instagram.com/rainhas.da.historia/?utm_medium=copy_link. Acesso em mar./2022.

e a expressão das crianças, em suas relações com os adultos, no que tange à construção de visões e opiniões recíprocas sobre os temas da identidade de gênero e da orientação sexual.

As histórias escolhidas e contadas por Endora foram as seguintes:

“Morris Micklewhite e o vestido tangerina”. Escrita pela canadense Christine Baldacchino e ilustrada por Isabelle Malenfant, também do Canadá. Sinopse: Morris é um menino que adora usar a imaginação. Além disso, Morris também adora usar o vestido tangerina do baú de brinquedos de sua sala de aula. As crianças da classe de Morris não entendem. Vestidos, dizem, são para meninas. E Morris certamente não é bem-vindo na espaçonave que alguns de seus colegas estão construindo. Astronautas, dizem eles, não usam vestidos. Um dia, quando Morris se sente sozinho e enjoado com as provocações, sua mãe o deixa ficar em casa e não ir para a escola. Morris sonha com uma fantástica aventura espacial com seu gato, Moo. Inspirado por seu sonho, Morris pinta a cena incrível que viu e a traz para a escola. Ele constrói sua própria nave espacial, pendura sua pintura na frente dela e leva dois de seus colegas em uma aventura no espaço sideral. Essa história foi escolhida por tratar da não binariedade na escolha de roupas e brincadeiras infantis, de forma sensível e delicada, sem romantizar o assunto e mostrando que mesmo quando existe preconceito estrutural é possível um processo de desconstrução de ideias enraizadas. Atividade sugerida: assim como na história, a atividade proposta foi que as crianças fizessem o desenho de um passeio dos sonhos com seus amigos ou familiares, buscando por meio disso não só trabalhar a criatividade, mas também estimular uma conversa sobre quem são nossos/as amigos/as, como eles/as são diferentes e como isso é bom.

“Julián é uma sereia”. Escrita e ilustrada pela americana Jessica Love. Sinopse: conta a história de um menino que quer se tornar uma sereia e participar do Desfile da Sereia de Coney Island. Ao tratar de forma sensível sobre desejos e ansiedades de crianças que buscam formas diferentes de ver o mundo e se expressar, assim como demonstrar a importância do apoio familiar quanto a isso, a história encaixou-se de forma natural no projeto. Atividade sugerida: produção de um fantoche para criar um/a personagem ou fantasia. Materiais: EVA/papelão, cola/fita crepe, palito de churrasco, canetinhas e papéis coloridos. Buscamos por meio disso dialogar sobre como as crianças se veem diante de uma história que foca na não binariedade de gênero e no abraçar da fantasia.

“Apresentando a ursinha: uma história gentil sobre gênero e amizade”. Escrita pela australiana Jessica Walton e ilustrada pelo neozelandês Dougal MacPherson. Sinopse: em um dia ensolarado, Errol descobre que Thomas está triste, mesmo quando eles estão brincando. Errol não consegue descobrir o porquê, até que Thomas finalmente conta a Errol o que o ursinho tem medo de dizer: "No meu coração, sempre soube que sou um ursinho feminino, não um ursinho masculino. Gostaria que meu nome fosse Tilly, não Thomas". E Errol diz: "Não me importa se você é um ursinho feminino ou um ursinho masculino! O que importa é que você é meu amigo". A história foi escolhida por sua delicadeza ao trabalhar a transexualidade com crianças, mostrando que amizade é indiferente ao gênero, e que existem opções outras que não o preconceito e o ódio. Atividade sugerida: foi pedido a criação de uma colagem das crianças e seus amigos, como um disparador para uma conversa sobre a história.

“Um dia na vida de Marlon Bundo”. Escrita pelos americanos Marlon Bundo e Jill Twiss, e ilustrada pelo também americano EG Keller. Sinopse: a história é sobre um dia fictício na vida de Marlon Bundo, o coelho de estimação da vida real do ex-vice-presidente dos Estados Unidos Mike Pence, e detalha o romance entre Marlon Bundo e outro coelho chamado Wesley. Essa história foi escolhida por seu contexto político, e por tratar, além de o amor entre pessoas de mesma identidade de gênero, sobre a luta por direitos e a importância da mobilização organizada na busca por eles. Atividade sugerida: as crianças foram convidadas a fazer, sozinhas ou com ajuda dos/as adultos/as, pequenos textos ou poemas a partir da pergunta: por que sou especial?

Como pode-se perceber, as atividades criativas e expressivas das crianças, de fácil realização no ambiente doméstico, primaram pelo trabalho com diferentes elementos das linguagens artísticas, tais como desenhos, composições plásticas e literárias, teatro de fantoches, dentre outros.

Sobre a contadora de histórias Endora

Em conjunto com a escolha dessas histórias e de suas atividades, aconteceu também o processo de criação e montagem da *Drag Queen* contadora de histórias Endora, cujo nome foi escolhido em homenagem à personagem homônima do seriado “A feiticeira” (1964-1972), de Sol Saks. Para a criação de Endora, buscamos inspiração em *Drags* como Trixie Mattel, BenDeLaCreme, Ellie Diamond, Rita Von Hunty, Mina De Lyon, Duda Dello Russo, Abhora, Galathea X, Pabllo Vittar, Gloria Groove. Nesse

ponto é interessante ressaltar que nos inspiramos não apenas em *Drag Queens*, mas também em *Drag Kings*, que representam o gênero masculino e as formas de masculinidade em Drag: Milo o Sensível, Andrômeda X, Landon Cider, Lorde Lazzarus, Rubão, além de artistas que não buscam uma representação hiper masculina ou feminina, como Charity Kase, Parma Ham e Encodesgem.

Neste processo, também serviu de inspiração as interações entre crianças e *Drags* presentes no projeto estadunidense *Drag Queen Story Hour*, que leva *Drags* contadoras de histórias às bibliotecas públicas de cidades americanas, como Nova York, desde 2015.

O processo de montagem de Endora começou com a escolha do figurino, tendo em mente que ele tem grande importância na definição das cores utilizadas na maquiagem. Endora, de modo geral, usa no figurino uma paleta de cores em tons pastéis de rosa, roxo e azul, e das mesmas cores, mas em tons mais fortes, na maquiagem. A experimentação ajudou a formar a ideia estética/teatral desejada para Endora. Essa ideia, espécie de cenografia do corpo, portanto, constituída de elementos (cores, texturas, volume etc.) que ressaltam a teatralidade inerente à arte *Drag*, buscou um visual mais próximo da fantasia do que da naturalidade, com inspiração em desenhos animados, com traços exagerados, como grandes olhos coloridos, lábios cheios e com cores chamativas, além de penteados elaborados. Uma vez materializada no corpo essa caracterização descrita, surgiu de forma natural a estilização vocal e gestual da personagem.

Dessa forma, Endora buscou um diálogo estético com mídias voltadas ao público infantil, como desenhos animados, livros infantis, e também referências estéticas de seu criador/intérprete.

Ao escolher o Instagram como plataforma para a realização desta investigação, foi criada então a página “Rainhas da História” (@rainhas.da.historia), usando como identidade visual a arte de Ben-Hur Pilloti.

Sobre as histórias sugeridas para leitura

Durante o mês de maio de 2021, a cada semana foram feitas três postagens, duas delas às sextas-feiras, período da tarde: a primeira, contendo o vídeo de contação de história da semana, e, a segunda, a sugestão de atividades criativas para fomentar o diálogo e a reflexão sobre a história contada. Já as terceiras postagens ocorreram às

segundas-feiras, contendo sugestões de leituras de livros infantis nacionais, ou disponíveis em língua portuguesa, como uma forma de tentar incentivar a leitura de histórias com temas LGBTQIA+ por adultos e crianças. Os livros escolhidos abordam temas como a adoção de crianças por famílias LGBTQIA+, famílias de diferentes formatos, entre outros.

As sugestões de leitura foram:

“O cavaleiro e o lobisomem: uma história de coragem”. Escrita por Alexandre de Souza Amorim. Sinopse: Kevin sempre sonhou em ser um destemido cavaleiro e, quando esse sonho se realiza, ele adquire o título de cavaleiro mais corajoso do reino. No entanto isso não significa que Kevin não tem medo de nada, afinal ser corajoso quer dizer enfrentar, também, os próprios medos. E se tem uma coisa de que Kevin tem muito medo é de Lobisomem. Nessa aventura, Kevin é convocado pelo Rei para salvar a princesa e o príncipe do reino e, para fazer isso, ele terá que enfrentar seu maior medo. Ao descobrir que o lobisomem é na verdade o príncipe, Kevin o convence a voltar ao reino e explicar a situação ao rei. Durante a viagem Kevin e o príncipe se aproximam e decidem que querem viver mais aventuras juntos.

“Pode pegar!”. Escrita e ilustrada por Janaína Tokitaka. Sinopse: um coelhinho de saia, batom e sapatinho de salto. Outro coelhinho de botas, calça e gravata. Assim fica fácil saber quem é menina e quem é menino! Mas e quando a menina quer usar botas para atravessar o riacho? E quando o menino precisa do salto para ficar mais alto? Batom serve para desenhar? E esse chapéu, é de quem? Trocar de roupa é divertido! E agora, como faz para saber quem é menina e quem é menino? Bom..., mas isso importa mesmo?

“Maya: bebê arco-íris”. Escrita por Xuxa Meneghel e ilustrada por Guilherme Francini. Sinopse: conta a história de uma anjinha que mora no céu há algum tempo e que recebe a difícil tarefa de escolher quem serão seus responsáveis para viver na Terra. Com a missão de vir para este mundo espalhar amor, a bebê tinha que encontrar a família perfeita. Assim, a anjinha escolhe ter duas mães e recebe o nome de Maya.

“Olívia tem dois papais”. Escrita por Márcia Leite e ilustrada por Taline Schubach. Sinopse: Olívia é uma menina esperta, que sabe bem o que quer e tem plena noção de como usar algumas palavras para conseguir o que deseja. Quando tem de ficar sozinha enquanto os pais trabalham, ela diz que está muito "entediada". Como não gosta de ver a filha "entediada", papai Raul para imediatamente de trabalhar e, quando percebe, já está deitado no chão ao lado dela, brincando de filhinho e mamãe, ou

cercado por um monte de bonecas. Para chamar a atenção de seu pai Luís, Olívia fala que está "desfalecendo", afinal de contas, desfalecer de fome é uma coisa muito séria, e Luís é o melhor cozinheiro da família. "Intrigante" é outra palavra de que Olívia gosta muito, isso porque todas as coisas do mundo são muito intrigantes para ela. Olívia quer saber, por exemplo, como seu papai Raul sabe brincar de boneca e seu papai Luís cozinha tão bem. Quer saber também como vai aprender a usar maquiagem e sapatos de salto alto, se na casa dela não mora nenhuma mulher. A família de Olívia é um pouco diferente e totalmente "encantadora", outra palavra que ela adora usar.

Sobre as interações com as crianças

Uma vez criada a página “Rainhas da História”, partiu-se para a sua divulgação. Após conseguirmos alguns/mas seguidores/as, iniciamos de fato as postagens acima citadas. É preciso comentar que não recebemos nenhuma resposta espontânea, via *direct*, por exemplo, das atividades propostas e de interações de crianças e pessoas adultas “desconhecidas” que seguiram a página. Dessa forma, tivemos que contactar pessoas adultas conhecidas, solicitando que mediassem a relação entre as propostas e as interações de seus/as filhos/as, netos/as etc. Tendo em vista essa mediação, feito o contato inicial, explicamos a proposta da pesquisa e solicitamos que a pessoa adulta, seguindo as orientações das atividades presentes nas postagens, mediasse a participação das crianças nos dando um *feedback* por meio da gravação de diálogos tidos, das produções artísticas realizadas pelas crianças etc. Assim, todas as respostas aqui analisadas foram enviadas por pessoas conhecidas dos envolvidos na pesquisa, amigos/as e familiares. Com isso constatou-se que o Instagram não é uma plataforma realmente acessível às crianças, sendo necessária a mediação de um/a adulto/a para a chegada do conteúdo até elas. Esse fato deve ser considerado quando pensa-se no alcance que a pesquisa teve, em relação, sobretudo, à abrangência esperada inicialmente caso as contações de história e as oficinas acontecessem nas bibliotecas públicas.

As respostas ocorreram em sua maioria por meio de conversas entre pessoas adultas e crianças, geralmente parentes, após as contações de histórias e durante a realização das atividades sugeridas. No total recebemos respostas de 5 crianças, conforme apresentado a seguir.

Solange, avó de José Augusto, 9 anos, e de Enzo, 3 anos, relata, em conversa com as crianças, após assistirem a história de Morris, que ambos gostaram bastante. Enzo

tem dificuldades de verbalização, contar histórias é uma das sugestões da psicopedagoga e fonoaudióloga de sua escola. José já lê sozinho e gosta bastante de histórias. Ambos desenharam juntos uma viagem que gostariam de fazer, iniciativa tomada por José, que quer conhecer Paris e as pirâmides do Egito. No desenho aparecem José, Enzo e a avó. Solange – Vocês gostaram da história?

José – Sim.

Enzo faz que sim com a cabeça.

Solange – E o que você achou da pessoa contando?

José – Colorida, né? Mas eu gostei, parece um desenho.

Em relação à maquiagem eles não questionaram muito. Ambos gostam bastante de assistir a desenhos animados.

Solange – O que você gostou mais da história?

José – Que ele desenha um mundo todo.

Solange – E do vestido?

José – Ninguém pode obrigar ele a usar o que não quer, né?

Solange – Sim, e o que você acha disso?

José – Ah, foi legal.

Revista
Diversidade



Imagem 01: enviada pela Avó via WhatsApp, mostra ambos os meninos e a avó conhecendo as pirâmides do Egito e a Torre Eiffel.

Christiane, mãe de João Pedro, 7 anos, disse que ele não costuma ouvir histórias, mas gosta de assistir a desenhos na TV, completando que o garoto adorou fazer a colagem sobre a história da Ursinha. Nessa colagem João mostra seus amigos jogando futebol. Christiane também disse: “Ah, ele achou muito legal que a história fala que é importante você amar seus amigos, independente de eles serem iguais a você ou não. Sobre a Endora, ele achou a maquiagem meio estranha no começo, mas depois a história o levou e ele gostou dela”.

Como pode-se notar, em sua colagem, João Pedro mostra um grupo jogando bola. Entre as pessoas que jogam, percebe-se uma de vestido e cabelos longos, possivelmente uma menina. Apesar de não ter um rosto de recorte como os outros apresentados na imagem, João se preocupou em desenhar um vestido e um rosto para essa figura, além de fazer questão de incluí-la jogando futebol. Ou seja, ainda que essa “amiga” esteja representada dentro de padrões de vestimenta e caracterização femininos, aparece participando em um contexto predominantemente masculino.



Imagem 02: enviada pela mãe de João Pedro, via *direct* na página do projeto no Instagram.

Kelly, mãe de Rhuan, 9 anos, enviou, via *direct* na página do projeto no Instagram, o seguinte relato: “Ele gostou da história ‘Apresentando a Ursinha’, não questionou o gênero de quem estava contando ela, mas achou a maquiagem um pouco exagerada, nas palavras dele: ‘nossa que batom forte, né?’. Ele gostou bastante de fazer a colagem, ficou contando como os amigos dele da escola são legais, falou das meninas

e dos meninos e como sente falta das aulas”. Infelizmente a colagem citada não foi fotografada e, quando pedida, Kelly disse que não conseguiu encontrá-la.

Lourival enviou o seguinte relato de um diálogo com seu sobrinho Felipe, 3 anos, sobre a história de Marlon Bundo:

Lourival – E aí, gostou da história?

Felipe – Gostei (deu um sorriso).

Lourival – E da moça?

Felipe – Também.

Ele estava bem animado tentando fazer a boneca, mas não deu muito certo, kkkk.

Lourival – Na história não deixaram os coelhos se casar, o que você achou disso?

Felipe – Feio, eles se gostam.

Lourival – Os amigos ajudaram eles, o que você acha disso?

Felipe – Legal.

A seguinte conversa aconteceu entre a mãe Cecília e o filho Antônio, 4 anos, sobre a história de Morris:

Ele gostou, ouviu. Muito curioso, porque fala do Lucas e do Thiago, que são os nomes dos dois melhores amigos dele da escola. Falou que gostou. Ele tem amado desenhar, e já foi buscar um papel para desenhar o passeio preferido dele, que é a praia.

Eu perguntei se ele tinha gostado da história e ele falou que gostou.

Cecília – E o que você achou da pessoa que estava contando a história?

Antônio – Achei estranha.

Cecília – Ah é? O que você achou estranho?

Antônio – O cabelo.

Cecília – Por quê?

Antônio – Era muito roxo. Tinha umas cores estranhas nela toda.

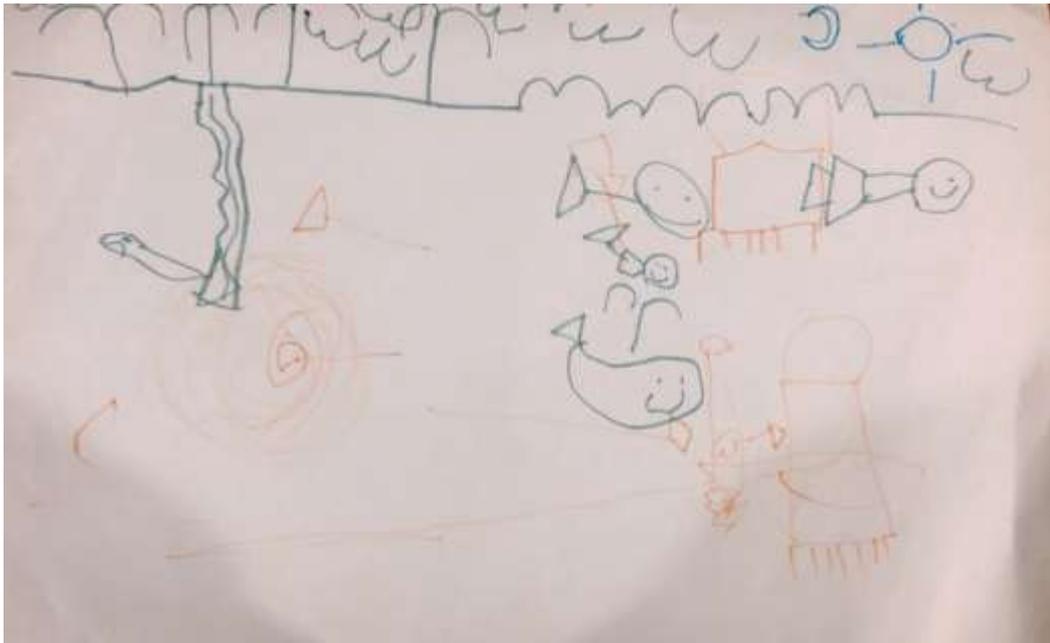


Imagem 03: enviada pela mãe de Antônio, via *direct* na página do projeto no Instagram.

Eu acho que ele estranhou a questão da maquiagem, mas ele não questionou em momento algum a questão de gênero, se era uma mulher, se era um homem. Não me parece que tenha importado muito a ele quem era essa pessoa que estava contando a história. Acho que ele não sentiu necessidade de encaixá-la em nenhum gênero específico. Aí eu fui para a história em si, ele falou que gostou.

Cecília – E o que você achou dos amiguinhos?

Antônio – Eu não achei nada legal tratarem ele mal, falarem que ele não pode usar o vestido. Não achei nada legal eles não deixarem ele brincar do jeito que ele queria brincar.

Cecília – E como ele reage?

Antônio – Ele se afasta, né?

Cecília – E depois?

Antônio – Depois eles brincam juntos.

Cecília – E aquela menina que diz que ele não pode usar vestido, como ele reage?

Antônio – Ele fala: esse menino pode!

Cecília – E o que você achou disso?

Antônio – Achei isso muito legal.

Na fala de Antônio, 4 anos, é interessante reparar que ele não buscou enquadrar Endora em um papel específico de gênero, demonstrando que possivelmente ainda não

foi cooptado por essa necessidade binária de separar o que é masculino do que é feminino.

Ainda que a investigação tenha se dado com crianças “conhecidas”, percebemos que suas expressões apresentam pontos interessantes de serem discutidos, além de que alguns deles se repetem. Dois desses pontos nos chamam a atenção:

1) A estranheza de algumas crianças quanto à maquiagem e à cor do cabelo de Endora, levantando a hipótese de que talvez essa desconfiança se apresente como indício de que, mesmo sendo jovens, suas subjetividades já são fortemente influenciadas pelos padrões estéticos hegemônicos. Em uma sociedade onde crianças são expostas desde cedo às mídias e a um processo de adultização precoce, sobretudo por seus/suas próprios/as cuidadores/as, será que o que foge dos padrões estanques de estética torna-se estranho desde a mais tenra idade? Esse estranhamento, não apenas com traços específicos de Endora, mas com sua figura como um todo, reafirma a premissa defendida por Amanajás (2014) de que a *Drag* tem como um de seus principais objetivos a arte do estranhamento.

2) Os discursos apontam também que as crianças não se mostraram incomodadas com as orientações sexuais e as identidades de gênero das personagens das histórias. O incômodo residiu no que tange ao fato de os/as personagens serem impedidos/as de fazerem o que desejam e gostam.

Butler (2003), ao problematizar a ideia de que sexo e gênero estariam inscritos de forma fixa em cada indivíduo de acordo com uma natureza pré-conhecida, advoga, não apagando as críticas tidas por terceiros a sua linha de argumentação, que a *Drag Queen* subverteria padrões de gênero socialmente impostos ao jogar com a distinção entre a anatomia do performista (homem) e o gênero que está sendo performado (feminino). Assim, completa a autora, ao imitar um gênero, a *Drag Queen* revelaria de forma implícita a organização imitativa desse próprio gênero. O prazer e a vertigem advindos da performance *Drag*, seriam efeitos, de acordo com Butler, da fricção entre as categorias de sexo e de gênero que ela explicitaria – categorias tomadas culturalmente como naturais, coerentes e necessárias. Nesse sentido, na performance *Drag*, tanto o sexo como o gênero estariam deslocados, desnaturalizados por uma performance que explicitaria suas distinções, dramatizando os mecanismos culturais de fabricação de uma suposta relação de coerência entre ambos. É possível então fazer uma conexão entre essa desnaturalização com o estranhamento apontado por algumas crianças quanto às cores exageradas na maquiagem e no cabelo de Endora, que fogem de um padrão de beleza de feminilidade/masculinidade que, ao que parece, influencia as crianças desde suas mais tenras idades. A pesquisadora, artista e docente Lua Abreu indica que:

As performatividades queers são, neste sentido, o escancarado do teor fictício das construções hegemonicamente naturalizadas de “homem” e “mulher”, uma vez que tais signos podem ser assimilados em teores parodísticos, como as Drag Queens e Kings, queers. (ABREU, 2019, p. 21)

Então, constata-se que a persona *Drag*, e seus inerentes traços de teatralidade, no contexto educacional, seja da educação formal ou não, pode ser um estímulo para se questionar formas pré-estabelecidas relativas às questões de gênero na educação infantil, traduzindo-se como opção de quebra em relação às normas e às fronteiras impostas sobre os corpos. Sobre isso, Butler indica: “[...] todo discurso que estabelece as fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de troca apropriados, que definem o que constitui o corpo” (BUTLER, 2003, p. 188).

Portanto, percebe-se que as atitudes das crianças que participaram desta pesquisa, na faixa etária dos 3 aos 9 anos, revelam que certos padrões estéticos pautados em valores cis heteronormativos já começaram a moldar suas visões, gostos e expressões. Nesse contexto, a contação de histórias, em consonância com o proposto por Rossoni e Felicetti (2014), possibilita interagir com narrativas alheias, propiciando a ressignificação de experiências e visões de mundo. Nesse caso tal processo de deslocar pontos de vista que já apontam para direções hegemônicas foi potencializado pela estranheza causada pela figura de uma contadora *Drag Queen*.

Da mesma forma, as atividades expressivas e criativas realizadas pelas crianças foram fundamentais aos propósitos desta empreitada, já que, uma vez configuradas como brincadeiras, e na companhia do pensamento de Cardoso e Nascimento (2017), apresentaram-se como espaços nos quais as crianças puderam ensaiar papéis de gênero ao mesmo tempo que desconstruí-los, como o que se vê na colagem/brincadeira de João Pedro, por exemplo.

As reflexões dessas crianças também revelam que os padrões estéticos parecem ser o que mais as causou estranheza. Soma-se a essa estranheza estética das crianças, muito menos seus incômodos no que tange às orientações sexuais e às identidades de gênero das personagens das histórias e muito mais a impossibilidade de tais personagens não poderem ser quem queriam e fazer o que desejavam. Isso também indica ser esse um momento pertinente para o trabalho com os temas aqui abordados.

E viveram felizes para sempre?

Levando em consideração, conforme denunciado por Preciado (2020), que as instituições e os processos de ensino/aprendizagem podem ser um espaço de agressão para com crianças *Queer*, portanto, para com as crianças que não são heterossexuais e/ou cisgênero, podemos pensar que tais atitudes violentas se traduzem como reflexo das experiências que tanto as crianças quanto as pessoas adultas trazem da sociedade. Dessa forma, ao despertar a consciência sobre o respeito e a diversidade, confere-se às crianças a liberdade de experimentarem e conhecerem novas formas de se vivenciarem e, conseqüentemente, de vivenciarem os/as outros/as e o mundo.

Discussões como as acima descritas configuram-se como uma maneira de estimular o respeito, tendo em vista as diferentes vivências dentro e fora do ambiente da educação formal e não formal. É urgente tornar os espaços educativos acolhedores, opondo-se, entre outras coisas, à imagem da criança pura e incapaz de entender as formas com que os gêneros se expressam e vivem o mundo e, conseqüentemente, buscar alternativas aos discursos que limitam a liberdade de ensino/aprendizagem e as experiências de gênero dentro da escola. Pelas leituras, práticas e reflexões empreendidas, torna-se evidente que os discursos que limitam a liberdade de ensino/aprendizagem, justificados pela manutenção de uma suposta essência e pureza infantis (SCHINDHELM; HORA, 2015), valem-se da negação de discussões de forma ampla das questões de gênero como estratégia de comando ferrenho de condutas e de controle social (PRECIADO, 2020).

Por outro lado, ao dialogar de forma abrangente sobre os temas da identidade de gênero e da orientação sexual no contexto da educação infantil, demonstrando que a masculinidade e a feminilidade são construtos socialmente elaborados (SANTOS, 2018) e que a performatividade de gênero é um conceito presente desde a infância (ROSA; FELIPE, 2021), e optando-se pela contação de histórias não hegemônicas, narradas pela perspectiva de uma voz também não hegemônica, contribuiu-se para que as crianças desenvolvessem suas capacidades de autoconhecimento, interação, socialização, compreensão e respeito às diferenças. A experiência relatada mostra que, guardadas suas particularidades, assim como em outras pesquisas dadas na área (ABREU, 2019; ROSA, 2019; ROSA; FELIPE, 2021), as crianças, mesmo já aparentando estarem, de certa forma, influenciadas pelos sentidos estéticos cis heteronormativos, ao interagirem com estas propostas, criaram tensões no que tange ao que já veem como normatizado,

deslocando, desde cedo, valores impostos pelo mundo adulto, ainda predominantemente cis heteronormativo, o que, não raro, culmina em preconceitos, autonegação, agressões e sofrimento – alheio e próprio. Portanto, indaga-se, não seria essa a função de uma (des)educação que anseia pela civilidade: deslocar pontos de vista impostos e, portanto, naturalizados, em prol de formas éticas outras de se viver, para além de uma única perspectiva de felicidade eterna e (im)possível?

Referências

ABREU, Lua Lamberti. Pe-Drag-ogia como modo de tensionar/inventar territórios educacionais heterotópicos. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 122 p., 2019.

ALCANTARA, Juliana Nascimento de; DIAS, Alfrancio Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento. A brincadeira na educação infantil: problematizando as relações de gênero na escola. *Educação (UFMS)*, Santa Maria, v. 44, p. 1-21, 2019.

AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *Revista Belas artes*, São Paulo, Ano 6, n. 16, p. 1-24, set./dez. 2014.

AMORIM, Alexandre de Souza. *O cavaleiro e o lobisomem: uma história de coragem*. Ilustração Studio Bonnie & Clyde. 1ª ed. Rio de Janeiro: Crianças Diversas, 2018.

BAHLS, Diego Paiva; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. Onde estão os profissionais do gênero masculino na educação infantil? Reflexões históricas sobre a docência com crianças pequenas. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 243-257, jan./abr. 2019.

BALDACCHINO, Christine. *Morris Micklewhite and the tangerine dress*. Ilustrações Isabelle Malenfant. Ontário: Groundwood Books, 2018.

BERNARDINO, A. D., SOUZA, L. O. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere et Educare*, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. *Revista Labrys*, Estudos Feministas, n.1-2, Brasília: Montreal: Paris. Julho-Dezembro de 2002, p. 01-16.

BUNDO, Marlon; TWISS, Jill. *A Day in the life of Marlon Bundo*. Ilustrações EG Keller. San Francisco: Chronicle Books, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Livia de Rezende; NASCIMENTO, Daniela Lima do. Você brinca de boneca, mas é menino: sujeitos, gêneros e sexualidades em brincadeiras infantis. *Educação*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 250-262, maio/ago. 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; GUIZZO, Bianca Salazar. Políticas curriculares de educação infantil: um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 45, p. 191-201, jan./abr. 2016.

COSTA, Claudia de Lima. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 2, p. 141-174, 2006.

CRUZ, Tânia Mara. A mediação docente e a experiência de outras feminilidades na infância. *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 365-396, maio/ago. 2016.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. *Pro-Posições*, v. 10, n. 1, p. 139-156, mar. 1999.

GUIZZO, Bianca Salazar; ZUBARAN, Maria Angélica; BECK, Dinah Quesada. Raça e gênero na educação básica: pesquisando ‘com’ crianças. *Acta Scientiarum Education*, v. 39, número especial, p. 523-531, 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo. Ed. Wmf Martins-Fontes, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989%3E. Acesso em 17 ago. 2021.

LEITE, Márcia. *Olívia tem dois papais*. Ilustrações: Taline Schubach. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LOURENÇÃO, D. A. Contação de histórias na educação infantil. *(N)ativa*, Cuiabá, v. 5, n. 1, p. 1-2, 2016.

LOVE, Jessica. *Julián is a mermaid*. Somerville: Candlewick Press, 2018.

MENEGHEL, Xuxa. *Maya - bebê arco-íris*. Ilustrações: Guilherme Fracini. Rio de Janeiro: Globinho, 2020.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares. Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 30, p. 1-21, 2019.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessias*. Rio de Janeiro, Zarhar, 2020.

QUEIROZ, Norma Lucia; MACIEL, Diva Albuquerque. Contribuições da contação de histórias infantis e a formação de crianças leitoras. *Educação Unisinos*, v. 18, n. 1, p. 25-34 jan./abr. 2014.

ROSA, Cristiano Eduardo Da. Educação, infâncias e arte DRAG : a literatura para crianças tensionando os scripts de gênero. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 1985 p., 2019.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Performatividade de gênero no olhar das crianças: uma drag queen como mediadora de leitura literária. *Revista Brasileira De Estudos Da Presença*, v. 11, n. 1, p. 01–23, 2021,

ROSSONI, Janaina Cé; FELICETTI, Vera Lucia. A contação de histórias como ação educativa: reflexões sob o viés da teoria cognitiva da aprendizagem. *Atos de pesquisa em educação*, v. 9, n. 2. p.517- 534, maio/ago. 2014.

SANTOS, Luciane Tavares dos; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. Discutindo gênero na educação infantil – reflexões sobre práticas pedagógicas e formação de professores. *Revista Cocar*, Belém, edição especial n. 2, p. 138 -163, jul./dez. 2016.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; Estrutura e Agência nas Interseções de Gênero e Infância: implicações para a Educação Infantil. *Currículo sem Fronteiras*, v. 18, n. 1, p. 380-399, jan./abr. 2018.

SCHINDHELM, Virginia Georg; HORA, Dayse Martins. Sexualidade, gênero e aprendizagens narrativas no currículo escolar da infância. *Revista E-Curriculum*, v. 13, n. 1, p. 147-168 jan./mar. 2015.

TOKITAKA, Janaina. *Pode pegar!* São Paulo: Editora Boitatá, 2017.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006.

WALTON, Jessica. *Introducing teddy: a gentle story about gender and friendship*. Ilustrações: Dougal MacPherson. New York: Bloomsbury Children's Books, 2016.

Recebido em novembro de 2021.

Aprovado em março de 2022.